

Planejamento

História e Geografia: uma visão crítica sobre o mundo

Os estudantes dos anos iniciais precisam aprender a observar e interpretar a realidade para, assim, interferir nela. Saiba o que fazer para que eles cheguem lá

Anna Rachel Ferreira



Nos anos iniciais, é recorrente e legítima a preocupação em garantir que os alunos sejam devidamente apresentados ao mundo das letras e dos números. Por isso, muitos professores investem mais tempo nas aulas de Língua Portuguesa e Matemática. Porém, ignorar ou minimizar a importância das Ciências Humanas, traduzidas pelas disciplinas de História e Geografia, faz com que as crianças não explorem todas as possibilidades de interpretar o mundo e se inserir nele de maneira consciente e atuante. O trabalho com as duas áreas desenvolve

competências importantes, que vão muito além da capacidade de decorar datas ou nomes de capitais, rios ou heróis, como ainda se vê.

Os estudos geográficos focam nas mudanças do espaço e em suas representações. "O raciocínio espacial possibilita que a criança estabeleça uma relação descentralizada com o ambiente e perceba que não é o centro do Universo. "A minha relação com o país depende da parte dele em que eu vivo, por exemplo", diz Rafael Straforini, docente da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor do livro *Ensinar Geografia: O Desafio da Totalidade-mundo nas Séries Iniciais* (190 págs., Ed. Annablume, tel. 11/3031-1754, 25,50 reais).

Já no caso da História, o recorte é sobre o tempo, considerando acontecimentos, seus agentes e suas consequências. "O aluno precisa entender as permanências de elementos históricos, como construções e hábitos que se iniciaram no passado, e as influências deles na atualidade. Além de identificar quais são eles, é necessário enxergar quem os causou e perceber-se como um agente histórico", diz João do Prado Ferraz de Carvalho, professor de Ensino de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

O cruzamento entre as duas disciplinas é inevitável, visto que as mudanças físicas se dão ao longo do tempo, também por influência humana. Logo, as boas aulas permitem ao estudante comparar o passado com o presente para compreender o que vive hoje e oferecem ferramentas para que projete o futuro. Isso não só no que diz respeito aos limites do bairro ou da história pessoal de cada um. Hoje, graças aos meios de comunicação, é possível fazer ligações entre o que os alunos presenciam e o que acontece em todo o mundo.

Para iniciar um trabalho nesses moldes, deve-se estabelecer o tema a ser tratado e ouvir atentamente o que os estudantes têm a dizer. Aqui, cabe investigar a lógica do pensamento deles para ampliar conceitos e contrapor ideias. No livro *Terra dos Homens* (144 págs., Ed. Contexto, tel. 11/3832-5838, 29,90 reais), o geógrafo francês Paul Claval afirma: "(...) a geografia fala de situações que são de tal forma parte integrante da vida das pessoas e do destino dos grupos que todo mundo as conhece". O mesmo raciocínio se aplica à História. No livro *Ensino de História: Fundamentos e Métodos* (408 págs., Cortez Editora, tel. 11/ 3611 9616, 52,20 reais), Circe Bittencourt explica que uma das tarefas do pesquisador é usar os conceitos da História, de temporalidade e análise de fontes, para organizar e sistematizar o conhecimento comum.

Veja como trabalhar História e Geografia juntas:



Vídeo: [//www.youtube.com/embed/RwcxoMEb8TE](https://www.youtube.com/embed/RwcxoMEb8TE)

Acesso a diversas fontes de pesquisa



Feito o diagnóstico, é hora de ampliar as informações por meio de imagens, objetos, textos literários, documentos e entrevistas com pessoas que viveram o que está sendo investigado. "O que faz o aluno entrar em contato com a memória é o desafio com significado social e individual proposto pelo professor. Voltamos ao passado para investigar algo do presente que nos interessa", diz Maria Auxiliadora Schmidt, professora de Metodologia e Prática do Ensino de História da Universidade Federal do Paraná (Ufpar). É importante estabelecer essas relações sem o juízo de que antes as pessoas eram atrasadas e que agora somos evoluídos, por exemplo. O ideal é entender os fatos como fruto de momentos distintos em que a sociedade se estrutura em outros moldes. Para isso, a turma vai usar diferentes ferramentas e aprender a fazer isso durante as atividades.

Ao ensinar os alunos a ler uma fotografia de época, por exemplo, faça perguntas como: "Por que esse lugar está assim?", "Será que isso quer dizer alguma coisa?" e "Como é essa situação hoje?". Na sequência, indique a leitura de textos que contenham dois pontos de vista diferentes sobre um mesmo fato histórico ou tema para que tenham mais informação para fazer inferências sobre o período estudado.

Para ampliar o conhecimento espacial, as crianças devem ter acesso a imagens e entrevistas também, além de ler textos descritivos e mapas e participar de trabalhos de campo. A observação é a chave. "É essencial que elas notem as mudanças da paisagem também como consequência da ação humana e que

saibam identificar de que maneira elas nos afetam", afirma Sueli Furlan, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP). Uma opção é propor que a turma saia pela cidade e fotografe a paisagem e, em sala, compare as imagens com as de outros locais e discuta temas como limpeza, preservação da natureza e presença de serviços públicos. O trabalho se completa com discussões sobre por que a região visitada está assim e de que forma mantê-la ou mudá-la, conforme o caso.

"A escola deve levar os alunos a olhar o que ocorre na sociedade e no ambiente, numa intersecção entre História e Geografia, e ensiná-los a perguntar, pesquisar e comparar", conclui Antonia Terra, do Laboratório de Ensino e Material Didático do Departamento de História da USP. A seguir, você conhece o trabalho de dois docentes que levaram isso a sério e permitiram às crianças ter uma nova opinião sobre o que as rodeia.